

O Discurso através da Prática na Arquitetura Paraguaia Contemporânea

The Discourse through the Practice in Contemporary Paraguayan Architecture

El Discurso a través de la Práctica en la Arquitectura Contemporánea del Paraguay

Eduardo Verri Lopes, Arquiteto, Mestre em arquitetura e urbanismo; Universidade Estadual de Maringá; Maringá; Brasil; e.verri@gmail.com.

Ricardo Dias Silva, Arquiteto, Doutor em arquitetura e urbanismo; Universidade Estadual de Maringá; Maringá; Brasil; rdsilva@uem.br

Resumo

O artigo relaciona obra e discurso de um grupo de arquitetos, identificando elementos comuns à sua produção: entendimento do contexto socioeconômico, adequação da arquitetura ao lugar e papel dos sistemas estrutural e construtivo na configuração espacial.

Palavras-Chave: Solano Benítez; Javier Corvalán; Arquitetura Residencial em Assunção.

Abstract

The article relates work and discourse of a group of architects, identifying common elements in their production: the understanding of the socioeconomic context, the architecture's adequacy to the place and the role of structural and constructive systems in the spatial configuration.

Keywords: Solano Benítez; Javier Corvalán; Paraguayan residential architecture.

Resumen

El artículo relaciona obra y discurso de un grupo de arquitectos, identificando los elementos comunes en su producción: el entendimiento del contexto socioeconómico, la adecuación de la arquitectura al lugar y el papel de los sistemas estructural y constructivo en la configuración espacial.

Palabras-Clave: Solano Benítez; Javier Corvalán; Arquitectura residencial paraguaya.

E nesse momento também se consolidou na minha mente uma série de questões interessantes sobre o que seja, ou o que deve ser, ou o que eu quero que seja quando faço arquitetura. O que eu quero que ela seja: uma arquitetura de vontades e desejos. Uma arquitetura que é um relato sobre aquilo que imaginamos ser a realidade, isto é, antes de tudo o que é a realidade: um instrumento de transformação. Nada que se cristalize para ficar. A arquitetura como discurso (ROCHA, 2012, p. 34).

Esse artigo – fruto de uma pesquisa desenvolvida em programa de mestrado – trata da relação entre obra e discurso presente na produção de um grupo de arquitetos paraguaios, que em paralelo ao ofício em escritório, se reúne na *Facultad de Arquitectura, Diseño y Arte* da *Universidad Nacional de Asunción* e no *Colectivo Aqua Alta*, dentre os quais Solano Benítez, Javier Corvalán, Luis Elgue, Gloria Cabral, Sergio Fanego, Miguel Duarte, José Cubilla, Sonia Carisimo, Francisco Tomboly, Sergio Ruggeri e Violeta Pérez. Busca-se, através do estudo das casas projetadas por esses autores e da análise de informações coletadas em entrevistas, o entendimento da produção de arquitetura paraguaia contemporânea. São autores que atuam como construtores dos próprios projetos, realizam experimentações conceituais e construtivas e, sobretudo, possuem uma estreita relação com a realidade local, que levou Paulo Mendes da Rocha, em abertura de palestra de Benítez na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo em 2009, a afirmar que

um mestre nessa questão da arquitetura como linguagem é Solano [Benítez], que soube tirar da essência viva da cultura popular, do folclore da sua terra, não aspectos formais fantasiosos, mas uma questão radicada na própria condição da vida. [...] A sua arquitetura possui essa força da intuição capaz de criar o novo a partir das origens, nessa intriga constante, no nosso discurso, entre o erudito e o popular (KOGAN, 2010).

Desse modo, foram estudadas nove residências, das quais quatro são casas de arquitetos – Sergio Fanego, Javier Corvalán, Luis Elgue e Miguel Duarte; uma para a mãe de Solano Benítez; uma para o sogro de Javier Corvalán; e outras três concebidas para clientes, embora a Casa TC seja hoje habitada por seus autores, Sonia Carisimo e Francisco Tomboly. O programa residencial é entendido pelos profissionais como um ininterrupto campo de experimentação conceitual, um laboratório de possibilidades, revelando de maneira direta as soluções que os autores adotam no desenvolver de seu ofício. Assim, esse conjunto foi ponto de partida para a identificação dos elementos e conceitos convergentes da produção arquitetônica recente de Assunção: condição espacial, uso dos materiais e sistema estrutural; além do “olhar coletivo, ou um compromisso coletivo” (RUGGERI, 2015), identificado nas entrevistas, que tem reunido os trabalhos e os autores.

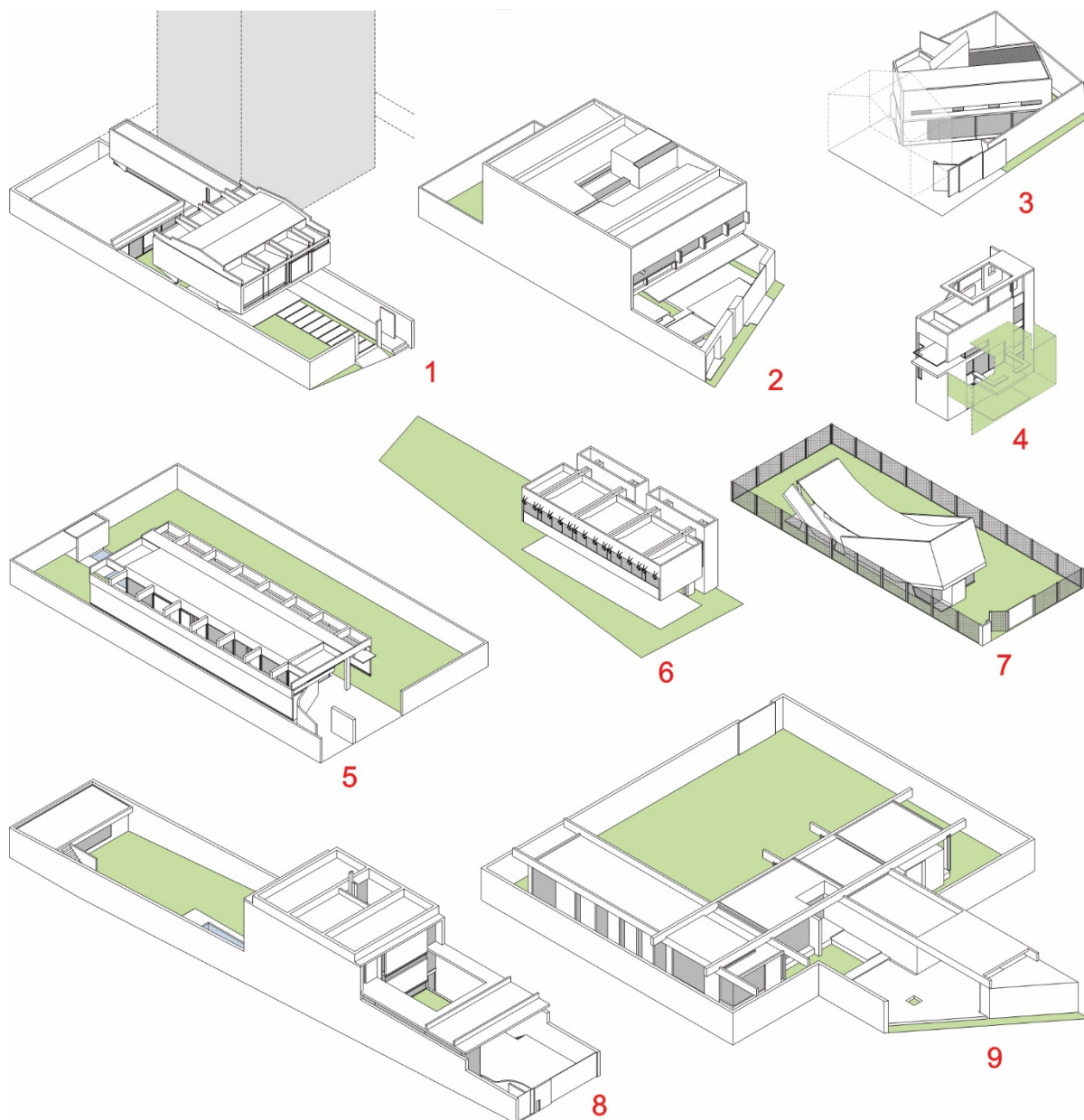


Figura 1: Modelos virtuais das residências analisadas: 1. Casa Fanego (Sergio Fanego, Solano Benítez, Alberto Marinoni, 2003-2005); 2. Casa Abu y Font (Solano Benítez, 2004-2006); 3. Casa Osypyte (Javier Corvalán, 2005-2005); 4. Casa Mburicao (Luis Alberto Elgue, Cynthia Solis Patri, 2007-2012); 5. Casa TC (Francisco Tomboly, Sonia Carisimo, 2009-2011); 6. Casa en el Aire (Miguel Duarte, Larissa Rojas, Sergio Fanego, 2008-2010); 7. Casa Hamaca (Javier Corvalán, 2009-2010); 8. Casa Octavia (Violeta Pérez, 2005-2006); 9. Casa 6 Vigas (José Cubilla, Sergio Ruggeri, ?-2012).

Fonte: LOPES, 2016.

O decano da FADA/UNA, professor Ricardo Meyer, ao afirmar a importância desses profissionais para a cultura arquitetônica no Paraguai, reconhece uma nova geração de arquitetos com ideias similares, embora não os veja ainda como um grupo consolidado. Meyer acrescenta que identifica duas ênfases distintas – os que exploram seus projetos através da estrutura e os que se

apoiam nas características regionais e buscam retratar a materialidade – mas que ambas convergem no “resgate aos espaços da arquitetura paraguaia, os espaços intermediários, os espaços de passagem, as galerias, as sombras, os filtros” (MEYER, 2015).

Leitura semelhante do grupo é realizada pelo professor Carlos Humberto Sosa Rabito, que ao analisar o elenco de autores e suas relações de parcerias e sociedades, reitera que há coincidência em algo:

[...] estão investigando a arquitetura. Isso é muito importante. Eu sou um convencido de que é a primeira vez que acontece isso no Paraguai. O que quero dizer com ‘primeira vez’? Que os arquitetos no Paraguai trabalham muito metidos dentro de uma tarefa tipológica repetitiva e acrítica. O fazer. Hoje não. Hoje, com esse grupo, pela primeira vez há gente que considera coisas. Há alguns que estão investigando a partir dos *materiais*, da *linguagem* estrutural, das possibilidades do espaço, de sua inserção no contexto (SOSA RABITO, 2015).

Gostaríamos de cingir a expressão *investigación*, proferida pelos arquitetos diversas vezes nas entrevistas e apropriada nesse texto, acerca de seu significado: pesquisa ou experimentação. O termo é preciso, pois para Sosa Rabito, no desenvolvimento do ofício arquitetônico do grupo, “o método é investigar”, prática recorrente nas falas dos arquitetos, especialmente na de Solano Benítez. Ao tratar do processo de projeto, Benítez estabelece uma metáfora com a queda-livre na qual o paraquedas não abre, quando é vital o uso do equipamento reserva ventral, o último suspiro. Benítez defende que o projeto deva ser repensado, revisto e melhorado ininterruptamente. “Nós desenvolvemos um processo onde não temos o culto aos desenhos e de alguma maneira transmitimos isso aos alunos, e nos interessa muito mais que tenham a cabeça carregada de intenções, que possam imaginar” (BENÍTEZ, 2015). No entanto, há um momento em que se deve entregar o trabalho acadêmico ou iniciar a obra – assim, o “projeto ventral” é aquele que é entregue, construído – podemos entendê-lo como um recorte do ininterrupto processo projetual.

Então, o que temos que tratar de fortalecer é um âmbito tal, onde equivocar-se na legítima pretensão de inovar é algo que devemos amparar entre todos. E onde o exercício profissional erudito, por mais magnífico que seja, seja penalizado. [...] De fato, aqui nos definimos no *Gabinete* como um grupo de gente que constrói, projeta e está vinculado a uns processos de aprendizagem a partir da investigação, de tentar transformar a condição existente. Se não o fizéssemos assim, andariamos repetindo nossos grandes êxitos e fazendo isso em outros projetos [...] *Mudar as respostas é evoluir, mudar as perguntas é revolucionar. E o que nós queremos é revolucionar* (BENÍTEZ, 2015, grifo nosso).

Essa atividade de investigação exige um domínio da técnica, já que “ninguém pode inovar sobre o que não conhece” (BENÍTEZ, 2015), ideia reforçada pelo arquiteto Francisco Tomboly, para quem o conhecimento construtivo é imprescindível para a compreensão econômica e estrutural de uma obra (CARISIMO, TOMBOLY, 2015), preceitos relevados na prática desses autores.

Então o que tentamos fazer é com que as pessoas que estejam dentro do escritório manejem técnicas construtivas e manejem custos de materiais, de mão-de-obra, de tempo de construção, para poder avaliar a melhor tecnologia construtiva para o melhor projeto que possamos realizar. Temos que conseguir que o aluno que passe pelo escritório maneje a estrutura não como uma condicionante, senão como uma ferramenta, que permita liberar novas ideias de projeto e novas soluções de projeto (DUARTE, 2015).

Esses profissionais entendem a inovação não como uma arquitetura que se pretenda *high-tech* ou se baseie em processos ou sistemas industrializados. Ao contrário, é a partir do reconhecimento da situação socioeconômica do país que buscam novas soluções, partindo dos materiais e condicionantes postos mas subvertendo o *status quo*. Para muitos dos autores entrevistados, há um esforço para se reinventar, “uma premissa de não se repetir” (CORVALÁN, 2015) ou se aburguesar ou se prender a uma “caligrafia” (PÉREZ, 2015). Nesse sentido, Sonia Carisimo e Francisco Tomboly recordam as experiências de concursos desenvolvidos com Javier Corvalán, quando sob o aspecto do método e de seu desenvolvimento, o primeiro exercício é reconhecer a solução óbvia, a mais correta, para imediatamente refutá-la e “dar a volta à coisa”.

Podemos analisar essa postura, quando a retomada de uma solução projetual não é entendida como o estabelecimento de um novo partido arquitetônico e é atribuída a necessidade de ineditismo a cada projeto ou solução de um mesmo projeto, a partir de um posicionamento ideológico (SOSA RABITO, 2015) – a subversão ao posto e à prática recorrente, buscando a revolução dentro do sistema, e a própria adoção da investigação como método projetual – e, ao mesmo tempo, pragmático. Enquanto Tomboly e Carisimo a relaciona com as possibilidades de desenvolvimento de projetos para concursos, Benítez afirma que esta é a única estratégia possível de sobrevivência no Paraguai, onde “não há nenhuma possibilidade de preservar a propriedade intelectual”, portanto a necessidade de “voltar a inovar, voltar a mudar [...] é essa sociedade que nos leva a fazer isso” (BENÍTEZ, 2015).

A questão do contexto social e econômico aparece fortemente na obra arquitetônica. Dada a falta de indústrias no país, a importação é tida como a solução oficial para as crises – são comuns os carros usados importados do Japão, por exemplo. Os arquitetos desse grupo encaram a escassez como possibilidade e desafio, aproximando-se muitas vezes dos processos experimentais: se não há dentro do país uma indústria que responda às necessidades da construção, os componentes são forjados na obra ou inventados nos fornecedores locais. Essa postura, presente nas entrevistas com Carisimo e Tomboly e Violeta Pérez, é bastante evidente nos projetos: as esquadrias da Casa Fanego, Abu y Font ou da Casa en el Aire; o sistema de cobertura da Casa Hamaca; e especialmente, no uso dos materiais de construção mais empregados: o tijolo cerâmico maciço – o *ladrillo* – e o concreto armado.



*Figura 2: Casa Hamaca, detalhe da cobertura.
Fonte: acervo do autor, fev. 2014.*

Ao tratar dos materiais, Sosa Rabito afirma que o não uso da madeira representa, além da questão do custo, uma posição ideológica a respeito da crise ambiental – tema bastante abordado nas atividades de atelier com os alunos – devido ao desmatamento criminoso para a exploração da madeira e ocupação do solo para o plantio de soja no país. Reconhecemos, entretanto, no uso do *ladrillo* uma questão mais relacionada à sustentabilidade econômica e social que necessariamente ecológica: é o material abundante, de fácil acesso e produção, ligado às condições locais tanto por seu aspecto – a cor e a textura da terra – quanto pelas condições quase artesanais para sua produção e manejo. A mesma rudimentariedade pode ser percebida na execução do concreto, no entanto ambos materiais são utilizados de modo a trabalharem em seus máximos esforços e de maneira não convencional. Ilustramos essa condição com as esquadrias compostas por ferro e tijolos – janela, porta e portão – ou os elementos estruturais de pilar e vigas *Vierendeel* da Casa Fanego, que por uma intenção poética e plástica, desvinculam-se dos planos das lajes.



Figura 3: Casa Fanego, esquadrias.
Fonte: acervo do autor, fev. 2014.



Figura 4: Casa Fanego, viga Vierendeel e laje.
Fonte: acervo do autor, fev. 2014.

O *ladrillo* é hoje o protagonista de boa parte do desenho da melhor arquitetura americana. Utilizado com espetacular criatividade por Eladio Dieste (Uruguai), com refinada sutileza por Rogelio Salmons (Colômbia) ou com contundência expressiva por Togo Díaz (Argentina), o *ladrillo* configura a expressão mais acabada do material que pode fornecer as respostas pendentes com inusitada qualidade (GUTIÉRREZ, 1998, P.39).

Apesar dos importantes autores latino-americanos apontados por Ramón Gutiérrez, o uso do *ladrillo* pelo grupo não se dá somente como uma referência estética. Para Sergio Ruggeri (RUGGERI, 2015), cuja tese desenvolvida em Veneza abordou a obra de Dieste, a lição do uruguaio apreendida pelo grupo se dá menos pelo uso plástico do tijolo que pela noção material-construção-espaco-

forma, “a estrutura é o invólucro que gera o espaço”. Podemos ilustrar essa constatação de Ruggeri através do centro de reabilitação infantil Teleton, obra do *Gabinete de Arquitectura*, quando faz uso dos *ladrillos* nos planos curvos, abobadados ou plissados de fechamento.



*Figura 5: Teleton, jardim no acesso do público.
Fonte: acervo do autor, fev. 2014.*



Figuras 6 e 7: Teleton, piscinas e acesso aos escritórios. Fonte: acervo do autor, fev. 2014.

Ainda na relação entre material e espaço, há em outras obras do grupo o uso de materiais locais, extraídos muitas vezes dos próprios terrenos, como os muros de pedra da casa *Pleasure Point*, projetada por Cubilla para seu pai em San Bernardino, ou o uso de paredes de terra em projetos mais recentes de Carisimo e Tomboly. Nesse sentido, Montaner (2011, p.33) afirma que geralmente a melhor arquitetura latino-americana desenvolveu suas próprias técnicas arquitetônicas e fugiu do uso acrítico e direto de tecnologias importadas, o que remete às palavras de Samuel Mockbee (1998): “como arte social, a arquitetura deve ser feita onde está e a partir do que existe”.



Figuras 8, 9 e 10: Casa Pleasure Point, acesso, cozinha e varanda.
Fonte: acervo do autor, jan. 2015.

No livro *Reflexiones para un mundo mejor* (1983), o arquiteto venezuelano Fruto Vivas

[...] insiste que a tecnologia deveria fornecer melhoras para toda a sociedade e não só para os poderosos; deveria respeitar o conhecimento popular que se transmite por gerações e não zombá-lo e destruí-lo; dever-se-ia trabalhar a partir da base teórica de cada sociedade e não importar tecnologias sofisticadas, o que faz com que os países sejam dependentes (MONTANER, 2011, p. 227-228, tradução nossa).

Sob essa óptica, há também uma relação intrínseca entre materialidade e honestidade estrutural e construtiva (RUGGERI, 2015). Os autores referem-se sempre à tentativa de conceber projetos em que, acabadas as estruturas, esteja também dado o caráter plástico do edifício. Uma obra bruta, estrutural (CARISIMO, TOMBOLY, 2015). Sosa Rabito (2015) relaciona a prática do grupo ao brutalismo inglês proposto pelos Smithson, o uso dos materiais de maneira pura, onde o revestimento é um pecado. Além do aspecto ideológico, existe uma questão novamente pragmática, levantada por Sonia Carisimo na entrevista: quanto menos serviços distintos há no canteiro de obras, mais fácil é o controle sobre a execução. Há, no entanto, diversos casos em que houve a opção ou necessidade de revestir parte das estruturas, geralmente ligados à pouca qualidade da execução do concreto armado. Ainda assim, ficam claras as diferenças entre os materiais utilizados com função portante e os revestimentos:

os *ladrillos* são assentados com amarração no primeiro caso e na posição vertical, no último, por exemplo na Casa Octavia.

Percebemos uma relação entre estrutura e espaço mais evidente que entre estrutura e matéria. Muitos dos autores imprimem seus conceitos baseados na premissa de que a articulação espacial é estabelecida pela estrutura. Dado esse partido, deparamo-nos com respostas mais radicais, como as paredes e lajes penduradas na cobertura da Casa Octavia, demonstrando as intenções da autora que inverte o sistema convencional estrutural construtivo; ou as caixas de concreto e *tejuelón* que se equilibram na Casa en el Aire. Porém, mesmo nos casos em que a estrutura é aparentemente menos exigida – o pavimento atirantado da Casa TC ou apoiado em pilares metálicos na Casa Osypyte, as 6 Vigas com vãos que atingem no máximo 8,5m do projeto de Cubilla e Ruggeri – a relação entre estrutura portante e espacial é clara e intimamente relacionada aos usos e à implantação.



Figura 11: Casa en el Aire, vista da rua.
Fonte: acervo do autor, fev. 2014.



Figuras 12 e 13: Casa TC, pavimento superior e térreo.
Fonte: acervo do autor, jan. 2015.

Embora a estrutura tenha um papel importante nas obras, ela não é sempre a primeira condicionante apontada pelos autores na tomada do partido arquitetônico - ela deve se submeter ao espaço idealizado, e não o contrário, e além dos esforços e cargas, deve responder ao lugar, à topografia, às orientações solares (CARISIMO, TOMBOLY, 2015; DUARTE, 2015). Sob esse aspecto, retomamos o “resgate ao espaço da arquitetura paraguaia” mencionado por Meyer.

Também o lindo é que aprendemos a reinterpretar os espaços típicos do Paraguai, do paraguaio, do habitar paraguaio, os materiais, a materialidade. Ou seja, não há indústria aqui, então tudo tem que ser desenhado, inventado, e uma das coisas que mais gosto é tratar de ser inventora (PÉREZ, 2015).

Javier Corvalán (2013, p. 42) propõe que os arquitetos do país buscam sempre “construir sombra, penumbra, *obscuridad*”. De fato, a questão do controle da luz, criação de sombras ou a referência aos espaços intermediários apareceu nas entrevistas realizadas com Sonia Carisimo e Francisco Tomboly; Violeta Pérez; Miguel Duarte; Solano Benítez; Luis Elgue e Sergio Ruggeri; além de conversas com o arquiteto Sergio Fanego, que afirma que a melhor arquitetura paraguaia ainda é a sombra da mangueira.

Eu acredito que uma coisa importante, que amarra todo o projeto [...] é esse conceito do espaço intermediário, que já vem arrastado desde a forma, e aqui no Paraguai responde às questões climáticas, na questão do habitar. Há um livro de Ramón Gutiérrez que fala sobre a transculturação espanhola-indígena: o espanhol que vivia dentro e o indígena que vivia fora. Os espanhóis não podiam impor sua arquitetura, senão tiveram que adaptar-se à forma de habitar aqui: os espaços são sempre as galerias, o *Culata Yovai*¹), os espaços cobertos mas abertos. [...] Creio que quase todos os projetos sempre tratam disso (Francisco Tomboly, in: CARISIMO, TOMBOLY, 2015).

Sonia Carisimo reitera a relação indissociável entre os espaços internos e externos nessa arquitetura estabelecida como referência aos projetos do grupo (CARISIMO, TOMBOLY, 2015). No entanto, entendemos que este espaço externo não é mais o público, a rua, mas é configurado pelos vazios remanescentes no lote. A casa se configura como um microcosmos (MONTANER, 2011). Os terrenos frequentemente têm seus fechamentos opacos, seja através de muros ou portões, impedindo a relação visual direta com a rua, e as soluções em planta no pavimento térreo são flexíveis e abertas. São notadas exceções na Casa en el Aire e Hamaca, cujos arredores pouco ocupados não exigiram a mesma solução das casas implantadas em áreas consolidadas; e na Casa Mburicao, cujas dimensões exíguas do terreno não permitiram a configuração de jardins ou pátios no térreo.

Embora essa organização do programa seja recorrente na arquitetura moderna brasileira – em especial nas casas paulistanas das décadas de 1950 a 1970 (ACAYABA, 1986) – o professor Sosa Rabito defende que no Paraguai essa solução representa uma nova vinculação da casa com o espaço público, onde a área social está implantada na porção posterior do terreno, demonstrando uma ruptura da solução tradicionalmente usada na distribuição do programa de

¹ “[...] uma construção com dois blocos fechados contrapostos, com um espaço entre eles coberto e vazado. As áreas fechadas podem abrigar tanto os quartos como uma sala, um depósito ou, nas configurações mais recentes, a cozinha. O espaço central tem uma utilização variada e flexível, tanto para o trabalho como para o estar, sendo local de encontro e de passagem, constituindo-se numa transição quer entre um “quarto” e outro, quer entre um lado e o outro das áreas externas [...] *del patio de recepción y acceso para el de servicio; del social para el doméstico; del pavimento para la plantación; de afuera para adentro; de lo construido para lo natural; del claro para el oscuro* [...]” (BAROSSO, 2005, v. 2, p. 4-6).

necessidades da casa burguesa, até os dias atuais: rua, pátio, jardim, sala e, a partir dessa, os demais ambientes.



*Figura 14: Casa Mburicao, vista da rua.
Fonte: acervo do autor, fev. 2015.*

Esse conjunto reunido de elementos – articulações espaciais, materialidade e determinações estruturais – somado a uma profunda e acertada leitura da realidade social do país se caracterizam como a convergência do pensamento desses arquitetos. Essa visão de mundo compartilhada pelos profissionais foi primeiro percebida nas relações pessoais e profissionais – as afinidades que reuniam o grupo em eventos sociais, onde eram discutidas “questões pontuais” (CARISIMO, TOMBOLY, 2015), foram a base para o amadurecimento das discussões. Soma-se a isso, segundo Ruggeri (2015), um momento de efervescência cultural no campo da música, da literatura, do cinema e da arte, percebido pela primeira vez no país.

A interação entre os autores, reiterada em seus depoimentos, revela que, para além dos trabalhos desenvolvidos em parceria (nas sociedades formalizadas ou colaborações) ou da reunião dada no Taller E, há um desejo de fazer uma arquitetura que seja ao mesmo tempo reflexo e ferramenta de transformação da sociedade que consolida o grupo. Ficam evidentes as relações de amizade, de troca, parcerias e colaborações entre os arquitetos, motivadas pelo desejo de fazer uma arquitetura revolucionária.

Esse espírito de coletividade se manifesta recorrentemente na maneira como se organizam para trabalhar, não apenas em seus escritórios, mas sobretudo em atividades que avaliam imprescindíveis para a sociedade. A partir do reconhecimento da necessidade de se trabalhar em grupo, esses arquitetos concretizaram sua reunião no Taller E (2009) e no Colectivo Aqua Alta (2014) como forma de se fortalecerem, de difundirem o pensamento arquitetônico no ensino e de atenderem às demandas sociais através da prática, maneira encontrada de dar respostas à sociedade.

Os projetos desses autores sintetizam a realidade política e econômica como manifestação dos contextos sociais aos quais estão submetidos, o que no Paraguai assume especial significado. Essa prática é desencadeada pelo discurso, que produz rebatimentos diretos e evidentes na obra. A concepção dos projetos se apropria das condições físicas e socioeconômicas locais.

A investigação é sempre desenvolvida pelo grupo, tanto no ofício quanto na academia. Frequentemente a fala dos arquitetos reitera a indissociabilidade e complementaridade da prática e da docência. A difusão das ideias e dos conceitos se dá nas universidades Nacional, no Taller E, e na Católica. Como resultado, essa reverberação apreende jovens alinhados ao grupo, cujas idades variam de 20 a 60 anos, fato segundo os entrevistados visto pela primeira vez no país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ACAYABA, Marlene Milan. *Residências em São Paulo 1947-1975*. São Paulo: Projeto, 1986.
- BAROSSÍ, Antonio Carlos. *Ensino de projeto na FAUUSP: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo*. 2005. 2 v. Tese (Doutorado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- BENÍTEZ, Solano. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Assunção, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (88 min.).
- CARISIMO, Sonia; TOMBOLY, Francisco. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Assunção, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (71 min.).
- CORVALÁN, Javier. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Luque, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (108 min.).
- CORVALÁN, Javier. Un fin del mundo. *RITA: Revista Indexada de Textos Académicos*, Madrid, ed. 01, p. 40-43, dez. 2013, p. 42.
- DUARTE, Miguel. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Assunção, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (58 min.).

GUTIÉRREZ, Ramón. *Arquitectura latinoamericana: haciendo camino al andar. Arquitectura latinoamericana en el siglo XX*. Barcelona, Buenos Aires: Lunwerg, Cedodal, 1998.

KOGAN, Gabriel. Solano Benítez na FAUUSP - Introdução Paulo Mendes da Rocha. Vídeo online. Youtube, 31 ago. 2010. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=I6QubEzS7LM>>. Acesso em: nov. 2013.

LOPES, Eduardo Verri. Aproximações sobre arquitetura paraguaia contemporânea. 2016. 155 f. Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Maringá, 2016.

MEYER, Ricardo. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. San Lorenzo, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (16 min.).

MOCKBEE, Samuel. O Rural Studio. 1998. In SYKES, A. Krista (org.). *O campo ampliado da arquitetura: antologia teórica 1993-2009*. Tradução Denise Bottmann. Revisão técnica Ana Luiza Nobre. São Paulo: Cosac Naify, 2013, p. 85-90.

MONTANER, Josep María. *Arquitectura y crítica en Latinoamérica*. 1ª ed. Buenos Aires: Nobuko, 2011, p. 33.

PÉREZ, Violeta. Entrevista. [jan. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Assunção, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (43 min.).

ROCHA, Paulo Mendes da. A construção do olhar de Paulo Mendes da Rocha: depoimento a Maria Isabel Villac. Mar. 1995 e maio 2007. In: VILLAC, Maria Isabel (Org.). ROCHA, Paulo Mendes da. *América, cidade e natureza*. São Paulo: Estação Liberdade, 2012, p. 34.

RUGGERI, Sergio. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. Assunção, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (61 min.).

SOSA RABITO, Carlos Humberto. Entrevista. [fev. 2015]. Entrevistador: LOPES, Eduardo Verri. San Lorenzo, 2015. 1 arquivo .mpeg-4 (82 min.).